

“O que a memória ama, fica eterno”



– Quando jovem, não entendia o choro dos adultos ao assistir a um filme, ouvir uma música ou ler um livro. O que eu não sabia é que não choravam por coisas visíveis. Choravam pela eternidade que vivia dentro deles e que eu era incapaz de compreender. O tempo passou e hoje me emociono diante das mesmas coisas, tocadas por pequenos milagres do cotidiano.

–

É que a memória é contrária ao tempo. Enquanto o tempo leva a vida embora como vento, a memória traz de volta o que realmente importa, eternizando cada momento. Jovens têm o tempo a seu favor e a memória ainda é muito recente. Para eles, um filme é só um filme; uma melodia, só uma melodia. Ignoram o quanto a vida é impregnada de eternidade.

—

Com o tempo envelhecemos, nossos filhos crescem, outros partem. Porém, para a memória ainda somos jovens, atletas e amantes insaciáveis. Nossos filhos são crianças, nossos amigos estão perto, nossos entes queridos ainda vivem.

—

O que a memória ama, fica eterno. Quanto mais vivemos, mais eternidades criamos e nos damos conta do que guardamos em nossos baús secretos. A memória é dada a segredos recheados daquilo que amamos, que deixou saudades e permaneceu além do tempo.

—

A capacidade de se emocionar vem daí, quando nossas memórias afloram de alguma maneira. Um dia você liga o rádio e neste toca uma música

qualquer, ninguém
nota, mas aquela música fez parte de você, foi o fundo musical
de um amor, ou
de uma fossa e mesmo que tenham se passado anos, alguma parte
de você volta no
tempo lembrando de uma pessoa, de um momento, de uma época...

—

Amigos verdadeiros têm a capacidade de se eternizar. É comum
ver amigos da
juventude se reencontrando depois de anos, já adultos ou até
idosos, portam-se como
adolescentes. Encontros de amigos são especiais por isso,
resgatam quem fomos, jovens
cheios de alegria, capazes de atitudes infantis, como éramos
há 50 anos ou mais.

Descobrimos
que o tempo não passa para a memória. Ela eterniza amigos,
brincadeiras... Mesmo
que por fora restem apenas cabelos brancos e rugas.

—

A memória não permite que sejamos adultos para nossos pais.
Eles não percebem
que crescemos, seremos sempre “as crianças”, não importa
quantos anos
já se passaram. Para eles a lembrança da casa cheia, das
brigas entre irmãos,
das estórias contadas... Ainda são muito recentes, aquilo se
eternizou.

—

Por isso é tão difícil despedir-se de alguém especial que fez parte de nossas vidas. Dizem que o tempo cura tudo, mas não é bem assim. Ele só acalma os sentidos, apara as arestas e coloca um curativo na dor.

–

Aquilo que amamos sempre volta das profundezas a assombrar de vez em quando.

Somos a soma de nossos afetos, e aquilo que amamos pode ser facilmente reativado pelo enredo de um filme, uma música antiga ou um lugar especial.

– E mesmo que o tempo nos leve daqui seremos eternamente lembrados por aqueles que um dia nós amamos.

Este texto foi ligeiramente modificado, resumido do original e está licenciada por [Licença Creative Commons](#). Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original (*Todos os direitos reservados a Fabíola Simões de Brito Lopes <https://www.asomadetodosafetos.com/2012/07/o-que-a-memoria-ama-fica-eterno.html>*).

A

frase do título é de Adélia Prado.

Post (319)

– Janeiro de 2019

A arte de silenciar

A comunicação acontece de muitas formas, o ser humano é por excelência um ser em contínua evolução. Cada lugar tem sua língua e muitos dialetos diferentes. Porém, o primeiro idioma que deveria se fazer presente é o silêncio. Só consegue falar bem quem aprende a arte de silenciar. A partir do silêncio, as demais formas de comunicação alcançam expressão e eloquência.



O silêncio deveria ser a primeira linguagem a ser assinada na infância. Não se trata de calar a boca, mas de permitir um movimento interior, onde se aprende a intercalar o silêncio ao se agrupar fonemas e formar as palavras que compõem um diálogo, permitindo nestes intervalos de tempo escolher as palavras certas.

Valorizar o silêncio é abrir espaço para a essência, para inspirar e harmonizar a vida. Num tempo onde os desentendimentos se multiplicam pela falta de habilidade no uso das palavras, é aí que silêncio se faz necessário para devolver a harmonia e a serenidade. As palavras em excesso cansam profundamente. O silêncio é capaz de reunir o melhor que cada um possui, além de multiplicar a paz.

Ser fluente no silêncio é uma habilidade que fará a diferença

e permitirá significativas alegrias.

Que seus dias comessem por aquele silêncio que brota do coração e do desejoso de alcançar a paz. As palavras devem ser usadas sempre na quantidade certa, nunca em excesso. Isto vai tornar os seus ambientes mais saudáveis, seus relacionamentos mais intensos e suas comunicações mais profundas. Meditem.

Texto de: Frei Jaime Bettega, ligeiramente modificado.

Post (313) – Janeiro de 2018